

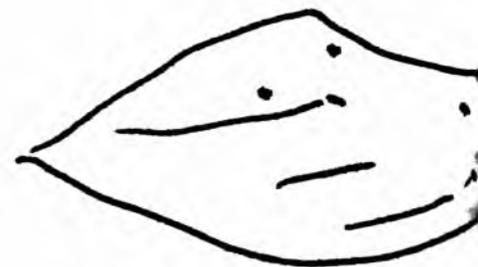
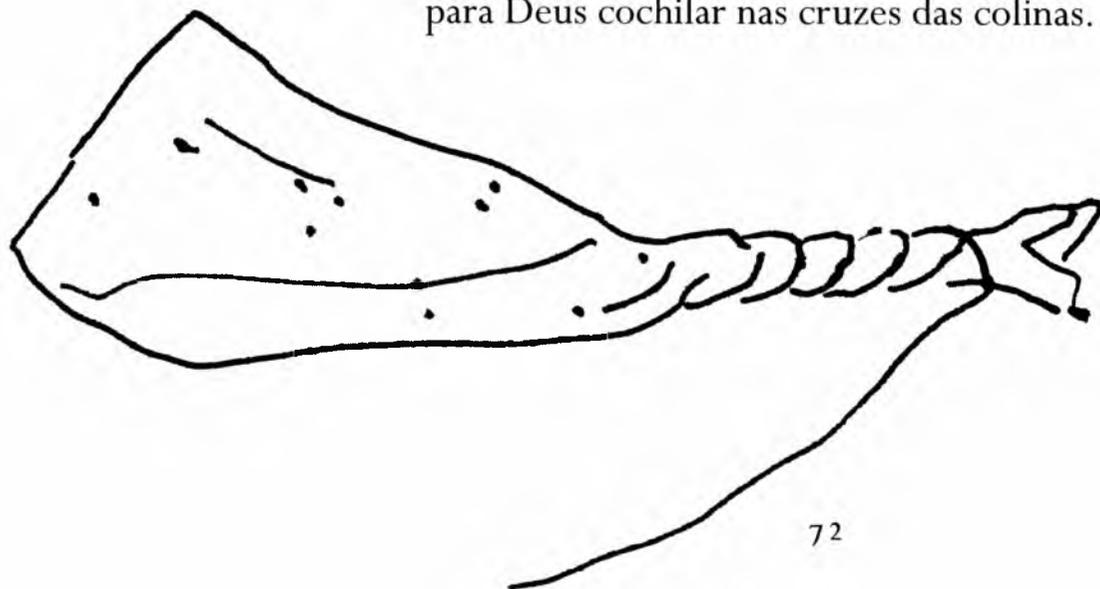
## A VIL(D)A EM PRETO

*(Conta-se que entre 1700 e 1801 foram extraídos na região de Vila Rica cerca de 615.000 quilos de ouro, de um total brasileiro de 983.000 quilos no mesmo período e cerca de 3 milhões de quilates de diamantes)*

### I

*In illo tempore*

a vid(l)a pendurada em montanhas  
de ouro e pedras brilhantes  
batéias batendo fluxos  
entre cascalhos e nos altos junto ao olhar  
de Belzebu  
labirintos becos casario desenhados  
em claroscuro e uma luz de sol devaneia  
pavoneia caudas pelos morros  
formas de ambição sem freio  
entre irmandades bentas e o  
preto de ouro que amassava o pão da vi(l)da  
e carregava nos pés e ombros  
a flor barrocó  
alarmada em devoções  
para Deus cochilar nas cruzes das colinas.

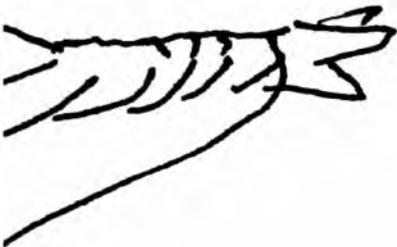
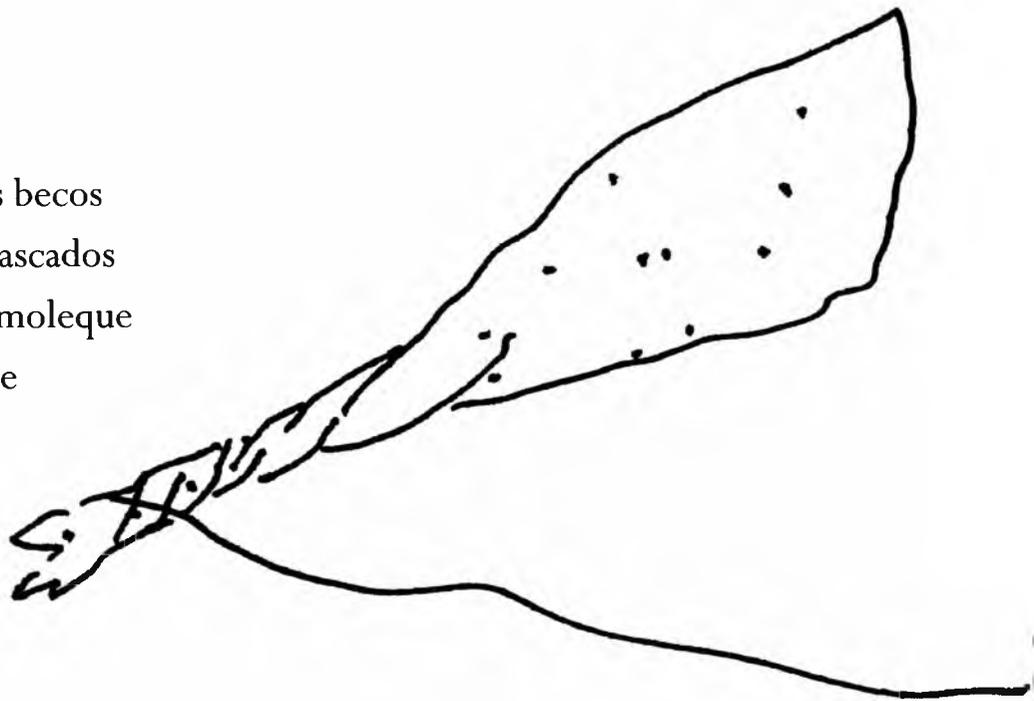


## II

Num tempo amarelo  
a pedra sabão subia volutas cômoros pontões  
ourivesaria de sapos e muriçocas  
nos vôos junto ao queixo de anjos e santos  
agudas barroquidades em labirintos desurbanos  
onde casas de almas mal lavadas  
em janelas quadradinhas  
e grossas portas maciças com fechos e guizos e dobradiças de ferro bruto  
e pedras que ao sol brilhavam no interior das pupilas  
soavam fantasmagorias negras  
nos oráculos e oratórios de cedro e ouro.  
As orações subiam aos céus  
nos caminhos montanhosos do ouro diamantoso  
que não ia a Londres.

## III

Ruas de labirintos erectos  
nos ombros desdobrados dos becos  
e velhas alimárias de cascos lascados  
moventes lerdas nos pés-de-moleque  
ouviam negros tocar berrante  
e conduzir  
o dourado da ambição  
— pepitas e pedrinhas —  
em santos-do-pau-oco.



IV

A multidude das vozes moderninhas  
fedia ecos longínquos  
sem consciência do suor negro que carregou  
pedras sem conta e toneladas de ouro e  
ergueu altares e templos  
a santos brancos e barrocos  
porque essas vozes-ruídos não vêem-ouvem que  
em cada beco pedra janela barro torre cruz  
cruzeiro sino oratório altar escadaria porta  
madeira batéia templo casa solar  
e o infinito sobrado  
como máscara máscara máscara  
dos simulacros simulacros  
há uma África debruçada  
com a cabeça entre os joelhos.

V

A lira de Dirceu, Marília, desafinou o pastor  
alçado ao átrio do Rosário de São Francisco do Pilar;  
cofia, Marília, as barbas do Tiradentes  
ouvindo a sentença fatal de D. Maria a Louca  
o que permanece da flor machucada de ouro do mito  
encravado nos morros de onde o ouro escorreu;  
há, Marília, uma alegria disparatada  
que secciona os passos trôpegos do passado

e as asas pouco assíduas do futuro;  
com a doce indiferença amarelada, Marília, do olhar turístico  
que nada vê além dos simulacros  
já que o sangue do trabalho de outrora  
ruinoso dos homens encangalhados  
virou moda, Marília.  
Seu pastor artroso no bordão,  
ninfa do Carmo esgotado, bordeja morros  
na solidão de pedras pretas, desafinado,  
de lira rouca em punho, gasoso e estéril.

## VI

Há sim uma lógica que preside o fio  
de labirintos e becos descontraídos:  
é a geometria da trilha  
que outrora levava os homens  
para o frágil destino que os incinerava  
no estatuto do ouro e do brilhante e do ferro e da pedra sabão;  
as casas precárias de arquitetura oscilante  
guardavam  
almas cintilantes entre a burocracia e a escravidão;  
Tomás, Joaquim José, Maciel, Cláudio, Silvério e os padres  
milhões de padres podres  
dançavam nus sobre ombros de negros  
— quais nomes mazumbas, muzambas, minas, quimbundos sobraram? —

e os carapinhas, almocreves, artífices, artesãos  
(gentes sem fim de tantas artes e ofícios)  
queriam ir para o céu;  
a harpa estava desafinada  
mas as pedras sobrepostas ficaram em pé  
e a lira rangeu versos e versos e versos de a-m-o-r.

## VII

A colônia rugia o sangue fervente  
de seus impasses de processo de morte  
e a morte rondava com a roda da rosa-dos-ventos  
extraindo ouro do ventre negro das rochas  
e as rochas movidas relviam nas relvas  
as vísceras vazias  
e as vísceras roncavam o rude espasmo  
dum ouro derradeiro  
e o ouro era a roda rubicunda  
que cravava igrejas templos casinholas solares  
como farpas fatais no fígado dos homens;  
era ouro preto em fantasmagorias da Vila Rica  
mas o ouro nunca é negro senão quando  
no couro ativo do africano flui.

## VIII

Ah! As dores humanas, as lágrimas, a fadiga,  
a exaustão, o cansaço, o esforço inútil  
em proveito do forte;  
as energias e o cérebro e a imaginação  
as capacidades do corpo e da alma  
tudo respinga nas pedras que sobram em becos e labirintos  
e ruas, ruas?, ruas e no urbanismo caos-ótico  
e na arquitetura  
tanta rastaquera obra é marca  
do homem desfeito de músculos,  
trabalho vil e vilipêndio;  
tantas aparências e tantas máscaras e tantos simulacros  
plantados em rodeios de morros exauridos;  
tudo o que ficou  
em memória inglória  
valerá uma só lágrima  
e uma só dor?  
o que ficou testemunha o quê?

(Textos escritos em Ouro Preto, 24.7.97, Café Gerais, Rua Direita, 122)  
Dedicados a Célia, garçonete moreninha, que cedeu papel e caneta e cervejas.

*Valentim Facioli*